



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PETRÓPOLIS, RJ, 19 DE JANEIRO DE 1996

Senhor Governador Marcello Alencar; Senhor Prefeito Fadel; Senhores Ministros; Senhor Ministro Weffort, Ministro da Cultura; Dona Maria de Lourdes Parreiras Horta, que dirige este Museu; Dom Veloso, que representa a Igreja aqui; Dom Pedro de Orleans e Bragança; Senhoras e Senhores;

Quase que eu disse aqui “nobreza, clero e Terceiro Estado”. Só que Terceiro Estado está no Governo. Mas isso mostra bem o que é o Brasil. O Ministro Weffort já fez referência aqui, nesta imperial cidade de Petrópolis, ao fato de termos esta festa republicana e mostrou, também, a importância para todos nós – bem como o fez em sua excelente apresentação a Diretora do Museu – de entendermos o passado como anterioridade e como preparação para o futuro; e com o espírito sempre aberto às mudanças que não sejam destrutivas, e, sim, sejam capazes de ampliar aquilo que foi construído no passado.

Na verdade, ao percorrer, hoje, estas salas, todos pudemos constatar que, realmente, temos um museu que é – eu diria com tranqüilidade – igual aos bons museus do mundo: um museu bem organizado, museu em que a gente tem condições de entender do que se trata, onde, em

algumas das salas, se toca a História do Brasil quase com as mãos; e se vê que, por trás dele, há carinho, há dedicação, há amor. E esse amor vem desde a família imperial, que teve o cuidado de preservar e de doar até os museólogos, a Sociedade de Amigos do Museu. Refiro-me, em particular – pude ver muito pouco, nas paredes desse corredor aqui em frente –, a parte da coleção do meu amigo Gilberto Chateaubriand, que tem uma coleção admirável e colocou à nossa disposição algumas telas referentes ao Rio de Janeiro. Tudo isso mostra que esta cidade, realmente, tem algo de muito especial, de muito característico.

O que mais me fascina, numa cidade como Petrópolis – visitando este museu e repetindo o que ouvi de um pintor daqui ou de alguém que me disse que assim pensa – é que, na verdade, Petrópolis é uma espécie de Ouro Preto do século XIX. E é verdade isso, talvez até com maior continuidade quanto às transformações que preservam. Foi Ouro Preto que passou um momento em que houve uma ruptura. Por sorte, agora, está reatada: Ouro Preto voltou a ser uma peça de orgulho nacional.

Mas aqui eu acho fascinante. Inclusive, ontem, vendo uma coleção que recebi, de fotografias das casas da cidade, notei que, mesmo quando se teve inspiração francesa, de repente, não é francês, é brasileiro. E é isso que é o barroco de Ouro Preto também: quando o modelo era europeu, depois se ia ver mais de perto, era outra coisa, é brasileiro, como o quadro de Tarsila, que está aqui no corredor, em que se vêem as cores das casas brasileiras. Aqui há casas em que, certamente, o arquiteto teve inspiração, nitidamente às vezes, até neoclássica francesa. Mas não é: é alguma coisa diferente, de muito nosso. E é isso que dá essa peculiaridade ao Brasil e que faz de Petrópolis um símbolo desse Brasil.

Tenho certeza de que, com esse carinho com que a cidade preserva esse museu e outras obras que marcam a cidade de Petrópolis, todo o País ganha. E o fato mesmo de termos aqui 250 mil brasileiros que visitam o Museu é marcante. E mais: cada um paga um real. Se fosse um cruzeiro, não era nada. Mas um real já é alguma coisinha, já ajuda e, mais do que ajuda, é importante, porque é pedagógico, é educativo. As pessoas têm que saber que preservar custa. E custa não só ao Estado, não só à Sociedade de Amigos, como àqueles que vão desfrutar da

possibilidade de visitar o museu. E é muito importante essa presença da população aqui, em Petrópolis, neste museu.

De modo que, por todas essas razões – não fosse o fato de termos um Ministro da Fazenda petropolitano; aliás, eu não queria esconder este fato também: eu não sabia que ele era petropolitano, ele me disse que era carioca –, como já disse o Ministro Weffort, é firme a nossa vontade firme de honrar os compromissos. O Ministro Malan não só vai honrá-los, mas acho que ele vai multiplicar os compromissos. Não quero que ele pense que fizemos, aqui, uma armadilha para ele. Não foi assim. Tenho certeza de que o Ministro Malan, como eu, como o Ministro Weffort, como o Governador, como o Prefeito, nós todos estamos muito motivados e, dentro das nossas possibilidades, vamos estar colaborando com Dona Maria de Lourdes, com todos desta cidade e deste Estado, para que possamos realmente dar continuidade a esse trabalho.

Possivelmente, não terei outra oportunidade de agradecer, mais uma vez, de público, o modo carinhoso como fui recebido pela população da cidade. O Governador e Dom Pedro, que andaram comigo e Weffort, viram o modo como a população, todo tipo da população, nos recebeu de forma realmente expressiva, expansiva, carinhosa. É claro que isso nos motiva, mas mostra, sobretudo, que é um povo que está confiante nele mesmo, porque o povo, quando não confia em si próprio, não confia em ninguém.

Esse é que é o fato novo no Brasil. É que as transformações a que estamos assistindo e tratando de acelerar não são transformações que vêm por decisão de cima. E se engana quem pensa isso. São transformações que, simplesmente, encaminham uma vontade que já está muito enraizada neste povo que a gente vê na rua a todo instante, renovando essa vontade.

Acho que este museu é, também, um símbolo disso mesmo, de um povo que acredita em si. Continuo acreditando muito no Brasil. Acredito muito no Rio de Janeiro, muito em Petrópolis, sem demérito, porque sou como o Pedro Malan, porque eu dizia que sou também paulista.

Muito obrigado.